

Bullying: uma bárbarie atual
Bullying: a present-day barbarism

Gabriela Garcia Ceron
ggarciaceron@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-9013-7013>
Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, Brasil

Gláucio Da Silva Camargos
glaucio.camargos@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-0592-3376>
Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, Brasil

José Nathan Fernandes Rocha
nathan_fisioterapia@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-5233-5468>
Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, Brasil

RESUMO

Um fenômeno tido como banal e muito frequente, principalmente nas escolas, vem sendo estudado pela psicanálise: *bullying*. O presente estudo teve como objetivo: levantar as produções científicas sobre o tema na teoria psicanalítica nos últimos 10 anos. Os textos trabalhados apresentam a problemática como um sintoma social centrado no narcisismo, na pulsão de morte, no sadomasoquismo, no *acting out*, no princípio do prazer e na fase anal. Esse sintoma social seria indicativo de uma baixa tolerância à frustração e esse mal-estar na educação se baseia no impacto de recalcar tudo que é da ordem do sujeito, ou seja, da ordem do desejo.

Palavras-chave: *bullying*, psicanálise, sintoma social.

ABSTRACT

A phenomenon considered ordinary and very frequent, especially in schools, has been studied by psychoanalysis: *bullying*. The present study aimed to survey scientific productions on the subject in psychoanalytic theory, in the past 10 years. The texts worked on present the problem as a social symptom centered on narcissism, death drive, sadomasochism, acting out, the pleasure principle and the anal phase. This social symptom would characterize a low tolerance for frustration, and this uneasiness in education is based on the impact of repressing everything that is of the order of the subject, that is, of the order of desire.

Keywords: *bullying*, psychoanalysis, social symptom.

INTRODUÇÃO

Neste tempo de caos em que estamos vivendo, são praticadas todas as modalidades de violência, sob o termo *bullying*, em todas as esferas da sociedade, principalmente no âmbito escolar (FANTE, 2005; MANZINI, 2012; SILVA, 2010; TORO; NEVES; REZENDE, 2010).

A expressão *bullying* tem origem inglesa e é usada para aludir a todos os tipos de agressões repetitivas. Entre essas agressões estão: a física, a verbal, a psicológica etc. Os agressores, geralmente, escolhem vítimas com menos recursos de defesa, com a finalidade de humilhar, de provocar sofrimento e dor para a obtenção de poder e prazer. A Psicanálise advoga que o *bullying* é uma forma inconsciente de mecanismo de defesa. Entre os mecanismos de defesa estão a projeção, a negação, a racionalização, a formação reativa e o deslocamento, em que os agressores atacam as vítimas na tentativa de esconder sua fragilidade (ANTUNES; ZUNIN, 2008; BANDEIRA; HUTZ, 2010; CAMPOS; JORGE, 2013; FANTE, 2005; FRANCISCO; LIBORIO, 2009; OLIVEIRA, 2013; SILVA, 2010).

Tendo em vista que a escola é um lugar democrático, que pertence a todos, cuja função é frisar os valores adquiridos no ambiente familiar, e que todos os discentes têm o direito de ter uma escola alegre, segura, justa e de qualidade, em que os valores éticos estão presentes, respeitados e exercidos, e há a necessidade de uma reflexão séria e profunda sobre o assunto, já que o problema é antigo, mas a discussão é atual, porém é pouco divulgado e as ações de enfrentamento são escassas pelo motivo de o *bullying* ser ignorado e suas consequências para a dinâmica psíquica e para a aprendizagem são desvalorizadas pela sociedade, o presente estudo teve como objetivo: levantar as produções científicas sobre o tema na teoria psicanalítica nos últimos 10 anos.

MÉTODOS

Trata-se de uma revisão de literatura de caráter qualitativo, que tem como característica principal a busca, em materiais já existentes, de respostas para a questão-problema de um projeto sem esgotar as fontes de informação. Esse modelo de pesquisa é definido por Gil (1995) como tendo os seguintes componentes: definição de objetivos, estruturação do projeto, organização das fontes que serão pesquisadas, leitura e apropriação de material determinado, categorização de assuntos, elaboração de planilhas didáticas e a escrita do trabalho.

A coleta de dados do presente estudo ocorreu a partir da pesquisa às bases de dados nacionais: Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia Brasil BVI-PSI, Bireme, Lilacs, SciELO e da ferramenta de pesquisa na web Google Scholar, por intermédio dos descritores "*bullying*; violência escolar; psicanálise". Para tanto, foi elaborada uma planilha a fim de organizar e de catalogar os artigos que fizeram parte da seleção de publicações analisadas.

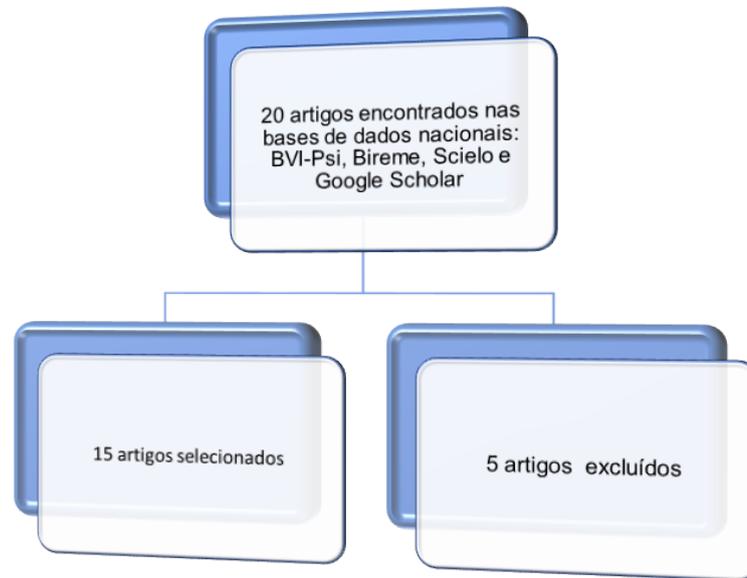
Os artigos selecionados atenderam aos seguintes critérios de inclusão: abordar *bullying*, violência escolar e psicanálise e ter sido publicado em língua portuguesa entre os anos de 2011 a 2021. Foram excluídas as publicações em outros idiomas, publicações anteriores a 2011, teses e dissertações e publicações que não atendiam ao objetivo do estudo. Devido à escassez de material, teve-se de ampliar o período de extensão de tempo de obras para 10 anos.

Primeiramente, para a análise dos dados, procedeu-se à leitura exploratória de todo o material selecionado, que consiste na observação rápida, objetivando verificar se a obra consultada era de interesse para a pesquisa. Depois, procedeu-se à leitura seletiva, que contemplou a identificação nos artigos das partes importantes para a realização da análise proposta. Em seguida, compilou-se o conjunto de informações pertinentes, extraídas das fontes, em instrumento apropriado, que possibilitou o registro dos dados (autores, ano, método, resultados e conclusões). A etapa seletiva concluiu-se com a leitura analítica, visando elencar, ordenar e sumariar as informações encontradas nas fontes bibliográficas para que proporcionassem a obtenção de respostas aos objetivos propostos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise sistemática das publicações localizadas com os descritores já mencionados, obteve-se um total de 20 obras. Desse montante, foram excluídas 5 obras que não atendiam aos critérios de inclusão e ao objetivo do estudo, conforme exemplifica a figura 1.

Figura 1. Seleção de registros de acordo com os objetivos da revisão narrativa da literatura



Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Os artigos selecionados foram:

1. Bullying: uma leitura a partir de Freud (BARRA, 2017).
2. Bullying: violência socioeducacional – desafio permanente (BRANDÃO; MATIAZI, 2017).
3. O bullying e o chiste hostil: atravessamentos na identidade do sujeito (BUSSOLO; BATISTA; MELLO, 2019).
4. Uma análise crítica dos fenômenos do bullying e do terrorismo (CATTAPAN, 2020).
5. Bullying e preconceito: a atualidade da barbárie (CHAVES; SOUZA, 2018).
6. Bullying: da agressividade ao ato agressivo (CORRAL, 2020).
7. Conversações com adolescentes na escola: bullying ou mal-estar nas relações? (COUTINHO; OLIVEIRA, 2015).
8. Fatores psicológicos e sociais associados ao bullying (CROCHÍK, 2012).
9. Implicações do bullying no desenvolvimento infantil (GAIO; PRISCILA, 2015).
10. Bullying: uma perspectiva sobre o agressor (MARTINS; ALMARIO, 2012).
11. Um olhar psicanalítico sobre o bullying (NATALO, 2012).
12. O sujeito do bullying (PINHO, 2011).
13. O bullying como fenômeno psíquico produzido no grupo (QUEIROZ; TÉRZIS, 2012).
14. Entre o bullying e o narcisismo: uma relação possível (SIMÕES; SANTOS; GONÇALVES, 2017).
15. Psicanálise e Educação: um olhar sobre o fenômeno do bullying (XAVIER, 2015).

Assim, o ano de 2011, houve um artigo; em 2012, quatro artigos; em 2015, três artigos; em 2017, três artigos; em 2018, um artigo; em 2019, um artigo; em 2020, dois artigos. Nos anos de 2013, 2014, 2016 e 2021, não houve nenhum artigo analisado.

A pesquisa de Coutinho & Oliveira (2015) foi a única que não foi um estudo bibliográfico. Tratou-se de uma pesquisa-intervenção, aliada à conversação em uma escola da rede pública da cidade de Niterói, Rio de Janeiro, em que as pesquisadoras dividiram adolescentes, com idade de 13 a 15 anos aproximadamente, que estavam na 8ª e 9ª série do ensino fundamental, para promoverem um diálogo livre, por meio de brincadeiras, dinâmicas e atividades com fotos ou músicas, sobre como era estar na escola e o que sentiam. Os dados foram analisados qualitativamente e estabeleceu-se uma conexão com a literatura. As autoras organizaram categorias a partir das conversações dos adolescentes: “a dificuldade em ouvir/falar; o tema do respeito/desrespeito na relação com os professores e na escola; as tensões e o assunto ‘briga’ nas relações entre os adolescentes na e com a escola”, e apontaram, psicanaliticamente, o *bullying* como um sintoma social, expressando o mal-estar contemporâneo que se revela na escola como algo maior do que um sintoma social, podendo ser encontrado

particularmente em um único sujeito que ameaça a sociedade. As autoras afirmam que, tanto mais os conflitos dentro e fora da escola forem tratados de forma patologizantes pelos pais e educadores, menos irão cumprir sua função socializante do papel de educar e esvaziarão a vida em sociedade pela perda da palavra e dos pactos que sustentam a mesma e pela perpetuação da lógica individualista e competitiva hegemônica.

Barra (2017) utilizou os textos de Freud para discutir o termo *bullying*. O autor indica que, a partir de Freud, foi provado que a criança tem um desejo agressivo. Cita a fase anal, prescrita pelo escritor, para dizer que são as crianças que fixam nessa fase e tendem a ter fantasias sádico-anais que receberão o rótulo de "agressores" na escola. Ou seja, a personalidade neurótica obsessiva que culmina nessa fase tem tendências sádicas. Segundo o autor, na sua sintomatologia, encontra-se o impulso de ódio e o erotismo anal. Pessoas com essa neurose foram crianças que gostavam de receber castigos físicos. Quem tem essa personalidade, normalmente, se acha melhor do que os outros, deseja bater nos outros. São narcísicos. É próprio do perfil do *bully*. Mas esse sujeito também pode sofrer bullying porque rejeita a boa convivência com os colegas. Para finalizar, o autor aponta que o *bully* é um sujeito que não sabe lidar com a angústia interna.

Brandão e Matiazi (2017) indicam que a Psicanálise considera que a agressividade humana é inata, e que é o agente essencial para perturbar a vida em sociedade. Tal fator tem deixado professores impotentes diante da sua proporção descontrolada. Bussolo, Batista e Mello (2019) asseveram que os chistes hostis perpassam diretamente a identidade daqueles que praticam o *bullying*, que excluem os outros por terem características que negam em si, sendo uma forma de criar uma realidade paralela. De acordo com os autores, ao se apoiar nos chistes hostis, é oferecido para quem pratica o *bullying* a satisfação do princípio do prazer por meio da agressividade. Nessa situação, o humor é utilizado para reproduzir vivências aflitivas e dominá-las.

Cattapan (2020) se propôs a discutir, por meio da psicanálise e da teoria foucaultiana do poder, os fenômenos da violência escolar e do terrorismo, principalmente os massacres de Realengo e do Charlie Hebdo. Os autores dos massacres sofriram bullying. Cattapan afirma, psicanaliticamente, que o *bullying* deve ser entendido como *acting out*, ou seja, aquilo que não é falado conscientemente é atuado, isto é, passado ao ato. O ator ainda lembra que, para que as ofensas tenham realmente um efeito traumático, é necessário que elas sejam consideradas monstruosas e não pequena. Para isso, o outro tem de ser radicalmente inaceitável pelo grupo. O aparelho psíquico não consegue dominar a experiência. Esse fica desesperado. Não consegue interromper a carga energética da vivência ou pausar a compulsão à repetição. Cattapan (2020, p. 34) aponta que "diante desta situação, duas possibilidades estão à mão frente à violência do trauma: redirecionar a violência de volta para o outro, ou despejá-la no eu, identificando-o como o objeto da violência".

Chaves & Souza (2018) recordam Freud ao dizerem que, na dinâmica do *bullying*, a vítima, por ser considerada frágil e inferior, tende a sofrer agressões. Por parte do agressor, pode ser a indicação de projeções de medo, angústia, características próprias que são reprimidas. Crochik (2012) traz uma curiosidade: um estudo que o autor fez em 2004 evidenciou que a discriminação contra as pessoas com deficiência física é maior do que a discriminação contra as pessoas com deficiência intelectual, ao comparar o preconceito contra pessoas com deficiência física com o preconceito contra pessoas com deficiência intelectual. O autor recorre ao termo que Freud conceituou por "narcisismo das pequenas diferenças" para se referir a aparente fúria que os ditos "normais" têm dos que são mais próximos da "normalidade", em contraponto, em relação aos mais distantes dela. A finalidade seria ampliar a diferença para que os mais parecidos sejam modelos de identificação.

Crochik (2012) afirma que o sadomasoquismo estudado pela Psicanálise é a personalidade autoritária analisada por Adorno e colegas, que descrevem vários subtipos de personalidades autoritárias, entre eles: os "ressentidos manifestos", que expressam seu ódio por alguém que supostamente seria culpado pela sua derrota, o autoritário, como se diz, que respeitava aparentemente a autoridade, mas que, na realidade, inconscientemente, a odiava, e, por último, o manipulador, que retira seus afetos das pessoas e das coisas, tendo-se, ele próprio, como um objeto entre outros, e obtendo prazer exclusivamente manipulando objetos e pessoas para cumprir suas incumbências. Assim também, a ausência ou a severidade da consciência moral, ou seja, do superego, estaria na origem da prática do *bullying*. Como, por exemplo, a vítima do *bullying*, que pode se deprimir ou ter baixa autoestima, pode tomar a agressão sob a forma de autculpa pela formação de uma consciência rígida em que a indulgência de seus pais é responsável pela mesma, não fornecendo um objeto para projetar seu ódio pela repressão trazida pelo seu desejo. Dessa forma, desde criança, aprendemos a valorizar a cultura, isto é, as leis e as regras.

Corral (2020) utiliza o conceito de pulsão, em especial a agressiva, para compreender o fenômeno *bullying*. A autora entende que a escola deve considerar a agressividade como algo positivo e saudável, que possibilita trabalhar e ter energia para a ação. Já o ato agressivo destrói e seria, nesse caso, o *acting out*, que é um ato não elaborado pelo pensamento. Assim, a agressividade, segundo a autora, seria um impulso que estaria a serviço do conhecimento e do pensamento que facilita os movimentos identificatórios e os processos simbólicos, enquanto o ato agressivo trabalharia para a destruição do pensamento.

Marangoni, Braz e Hashimoto (2016) utilizaram o conceito de narcisismo para pesquisar o *bullying* e o assédio no trabalho. Os autores apontam que as duas categorias apresentam aspectos comuns, ou seja, são a mesma coisa, embora os locais em que são vivenciados possam ser diferentes. As esferas escolares e, principalmente, organizacionais, sem sombra de dúvida, apresentam um modo de funcionamento que favorece as condutas abusivas, como humilhações, ameaça, intimidações e ofensas, a que se relacionam os fenômenos abordados pelos autores. Em um mundo competitivo, imediatista, produtivo e individualista, é cada vez mais frequente condutas que promovam o meu bel-prazer e bem-estar em detrimento das necessidades de outros. Não importa a dignidade alheia. Não existe a troca, dar e receber. Sempre tenho de receber. O que impera é o egocentrismo.

Pinho (2011) considera que a matriz do *bullying* esteja no que Lacan conceituou estágio do espelho. Nesse estágio, para a constituição do eu, é fundamental a entrada de um terceiro, chamado de Outro, na relação dual mãe-bebê. Exatamente neste momento, surgem expressões de rivalidade, ciúme e agressão. Uma permanente tensão agressiva enlaça o eu, o Outro e o objeto na tríade formada. O eu é marcado, desde o seu primórdio, pela tendência correlativa à identificação narcísica denominada de agressividade. Para os autores, é normal e sempre existirá, no âmbito escolar, manifestações de ciúme, de rivalidade e de agressividade. A sua elaboração simbólica é essencial nesse espaço. Já no avesso dessa condição está o *bullying*, em sua roupagem perversa, que busca aniquilar e desprezar o Outro, reduzindo-o à situação de objeto de gozo. A ausência de um terceiro que faça com que a palavra tenha eficácia e valor permite que a montagem sadomasoquista não cesse. O autor também se refere ao narcisismo para falar que, na roupagem do *bullying*, encontra-se tudo o que não gosto em mim, considero estranho e exterior ao eu. Gaio e Priscila (2015) corroboram essa visão de que, na raiz do *bullying*, faz-se presente o duelo da atividade/passividade – masoquismo/sadismo.

Na mesma direção de Pinho (2011), Xavier (2015) também se fundamenta em Freud e Lacan para compreender o *bullying*. A autora frisa que o fenômeno é um sintoma atual. O agressor não suporta frustrações. Fracassa em simbolizar o real, que é desprazer, e utiliza a pulsão de morte, que é o sadismo, que tem influência da libido narcísica para obter o gozo e o equilíbrio psíquico. Natalo (2012) continua com a linha e pontua que esse mal-estar na educação se baseia no impacto de recalcar tudo que é da ordem do desejo, ou seja, da ordem do sujeito.

Queiroz e Têrzi (2012) lançam mão das teorias freudiana e bioniana para discutir a temática. Os autores recordam que o *bully* obedece as regras do princípio do prazer, ou seja, do processo primitivo de funcionamento psíquico. Também enfatizam que, na situação, o material reprimido da vida sexual infantil se apresenta de *acting out*. Salientam que o papel da pulsão de morte põe o sujeito a favor do amor próprio, destruindo tudo que não é o eu. Trazem o masoquismo e o sadismo para a compreensão da problemática no jogo de ter prazer, por parte do agressor, em agredir e, ser agredida, por parte da vítima. Destacam da teoria bioniana o impacto que o grupo exerce sob o indivíduo em relação ao funcionamento primitivo da mente; circunstância em que a impressão que se tem é a de anulação do ego e do superego, e de atuação pela emoção. Segundo Queros e Têrzi (2012, p. 3), "existe um aparato psíquico grupal com instâncias semelhantes às do aparelho psíquico individual, mas que não seguem os mesmos princípios de funcionamento". E finalizam que o *bullying* é uma expressão do inconsciente.

Simões, Santos e Gonçalves (2017) apontam que, normalmente, o *bullying* é realizado por uma agremiação que age impulsivamente, em que seus integrantes, movidos pelo inconsciente, são caracterizados por terem baixa tolerância à frustração, crença na sua onipotência e certeza de impunidade. Os mesmos se livram de suas inibições, libertando tendências destrutivas que estavam ocultas pela repressão.

Martins e Almarino (2012) enfatizam que a falta de limites e a permissividade excessiva estão na causa do problema. Antigamente, dizia-se que o atrito entre desejo e a proibição deflagrava danos, porém essa permissividade demasiada é maléfica tanto como ou mais do que a repressão desenfreada. É preciso encontrar o meio termo. A família tem a função de ser exemplo, e suas atitudes podem ser autoritárias, permissivas ou democráticas; o sujeito se identifica com esse modelo. Considerar o *bully* como marginal só amplia a violência. Faz-se necessária uma educação voltada para a ética e para a moral, em que todos os setores sociais e políticos sejam responsáveis. Nem agressor nem vítima podem ser discriminados.

Gostaríamos de dar a nossa própria contribuição com Freud (1920/2006), que postula que é perceptível que o sujeito, sob a influência grupal, age de modo diferente de quando está sozinho, todavia as razões desse fenômeno são parcialmente desconhecidas. A capacidade intelectual é diminuída, quando o sujeito se encontra sob a influência do grupo e as emoções são extraordinariamente exasperadas; o sentimento de onipotência, intensificado (LE BON, *apud* FREUD, 1920/2006). Sob a sugestibilidade grupal, o impulsional, o emocional, o violento, o inconstante e o contraditório se apresentam excessivamente. Os atos rudes estão elevados (MCDUGALL, *apud* FREUD, 1920/2006).

E com WINNICOTT (2011; 2012), que não foi abordado aqui, vemos que o autor pondera que a inclinação para a agressividade faz parte da natureza humana, sendo uma forma de defesa, de autopreservação de civilização; contudo, é de fundamental importância distingui-la da violência. De acordo com esse autor, a violência é um sinal patológico de medo, um pedido de SOS e uma esperança, uma reação à experiência de raiva e de frustração devida a uma reprovação.

Holding e mãe suficientemente boa são dois conceitos usados para referir ao acolhimento primordial para integração essencial da personalidade que a mãe fornece para o bebê no início de sua vida, tornando-o apto para aceitar a realidade externa. Desse modo, há três origens para a violência: a primeira é o excesso de energia; as outras duas são resultantes da falha do *holding* e do ambiente suficientemente bom. Assim sendo, a segunda é uma ausência de maturidade para tolerar as frustrações, oriunda da falta de um *holding* adequado e de um ambiente suficientemente bom para capacitar o sujeito para tal; a terceira advém do encontro desta capacidade de tolerar frustrações e de aceitar suas responsabilidades no outro (WINNICOTT, 2011; 2013).

CONCLUSÃO

Os dados trazidos por esta pesquisa mostram que os estudiosos compreendem o fenômeno *bullying* e o frisam nos elementos fundados pela Psicanálise: fase anal, pulsão de morte, narcisismo, *acting out*, princípio do prazer, sadomasoquismo e processo primário e nos deixam com a pergunta: qual é o fator causador? Por parte da vítima que pode vir a ser um agressor, nos perguntamos: seria qualquer chiste, ou seja, qualquer chacota tão capaz de criar traumas? Respondemos com Cattapan (2020), que indica que não é qualquer afronta. É uma afronta nociva, monstruosa, que tem a intenção de ferir.

Saltam aos nossos olhos afirmações que apontam a problemática como baixa tolerância à frustração por parte do *bully*. É o que apresentam nossos autores analisados: que o egocentrismo se sobrepõe. Essa barbárie desse sintoma social se origina da alienação dos sujeitos e do descaso para o que está acontecendo ao seu redor, ninguém sabe lutar politicamente, olvidando que a inércia não leva a lugar nenhum, mas como a passividade representa ilusoriamente conforto: é melhor deixar como está.

Pessoas preferindo utilizar meios inescrupulosos para alcançar seus objetivos, dando o famoso jeitinho brasileiro para escapar das normas, famílias menosprezando a educação, querendo delegar seu papel para as instituições escolar e de saúde e os pais que têm maiores posses enchem os filhos de bens materiais para substituir carinho, crianças ultrapassando etapas da vida e sob a influência da mídia se "adultalizando" prematuramente, ficando pais precocemente, indivíduos que usam medicamentos e realizam cirurgias estéticas desnecessárias para eliminar sintomas psíquicos imediatamente, escolas que, devido à sua desordem, centralizam o problema nos educandos e produzem doenças nos educadores.

A decadência é oriunda da queda da função paterna, que não transmite cultura, costumes e hábitos para seus filhos, salientando que função paterna compreende a unidade pai-mãe. Alguns argumentam que, com diversas conquistas da mulher, ela saiu de casa, ocupando "cargos masculinos", deixando suas obrigações de mãe, também retirando do homem sua identidade. Não achamos que esse seja o motivo, pois muitas mulheres conseguem conciliar sua tarefa doméstica com sua profissão e muitos homens não se sentem furtados pelas mulheres.

Faz-se crucial o regaste do alicerce da constituição do sujeito para que o mundo não caia no abismo para sempre. É essencial retomar a base familiar para sair dessa crise de valores de que os meios de comunicação têm participação. A ausência de vivência de fases da vida no tempo adequado e limites são prejudiciais. Essa omissão e essa leviandade surgem de onde?

Pensamos que a solução fugaz que os sujeitos arrumam gera mais problemas, pois não é uma solução eficaz, já que seus conflitos permanecem. Crianças com baixa autoestima, causada pela falta de atenção dos pais e pela escassez de diálogo com eles, apresentam hostilidade com seus colegas e professores por não terem referência de relações saudáveis. Não conseguem lidar realmente com a angústia interna. Usam a violência e a autocolpa para obter prazer e tentar manter o equilíbrio psíquico.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, D. C.; ZUIN, A. Á. S. Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. **Psicologia & Sociedade**, 20, n. 1, p. 33-41, 2008.
- BANDEIRA, C. D. M.; HUTZ, C. S. As implicações do bullying na auto-estima de adolescentes. **Psicologia Escolar e Educacional**, 14, n. 1, p. 131-138, 2010.
- BARRA, A. S. B. Bullying: uma leitura a partir de Freud. *Revista CTS IFG Luziânia*, 1, n. 2, 2017.
- BRANDÃO, E. C.; MATIAZI, L. D. Bullying: violência socioeducacional–desafio permanente. **Pedagogia em Ação**, 9, n. 1, p. 13-33, 2017.

- BUSSOLO, D. R.; BATISTA, J. B.; DE MELLO, M. M. O bullying e o chiste hostil: atravessamentos na identidade do sujeito. **Psicologia PT - O Portal dos Psicólogos**, n. 1-12, 2019.
- CAMPOS, H.; JORGE, S. Violência na escola: uma reflexão sobre o bullying e a prática educativa. **Em Aberto**, 23, n. 83, 2010.
- CATTAPAN, P. Uma análise crítica dos fenômenos do bullying e do terrorismo. **Revista Iluminart**, n. 18, 2020.
- CHAVES, D. R. L.; SOUZA, M. R. D. Bullying e preconceito: a atualidade da barbárie. **Revista Brasileira de Educação**, 23, 2018.
- CORRAL, C. M. Bullying: da agressividade ao ato agressivo. **Revista Científica Novas Configurações–Diálogos Plurais**, 1, n. 2, p. 52-66, 2020.
- COUTINHO, L. G.; OLIVEIRA, B. O. Conversações com adolescentes na escola: bullying ou mal estar nas relações? **Educação em Foco**, p. 205-228, 2015.
- CROCHÍK, J. L. Fatores psicológicos e sociais associados ao bullying. **Revista Psicologia Política**, 12, n. 24, p. 211-229, 2012.
- FANTE, CLEO. Estratégias de intervenção e prevenção – programa educar pela paz. In _____. **Fenômeno bullying como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas: Verus, 2005. p. 91-153.
- FRANCISCO, M. V.; LIBÓRIO, R. M. C. Um estudo sobre bullying entre escolares do ensino fundamental. **Psicologia: Reflexão e crítica**, 22, n. 2, p. 200-207, 2009.
- FREUD, Sigmund 1920/1922. A descrição de Le Bon da mente grupal. In _____. **Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, v. XVIII, 2006. p. 83- 92.
- FREUD, Sigmund. 1920/1922 Outras descrições da vida mental coletiva. In _____. **Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, v. XVIII, 2006. p. 93-97.
- GAIO, D. M.; PRISCILA, B. Implicações do bullying no desenvolvimento infantil. **Anais do EVINCI-UniBrasil**, 1, n. 4, p. 1910-1913, 2015.
- GIL, A. C. Que é pesquisa bibliográfica? In: **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas. p. 45,1995.
- MANZINI, R. G. P. et al. A questão do bullying: prevenção da violência e promoção da cultura da paz. In BRANCO, A. M. C. A. D.; OLIVEIRA, M. C. S. L. (Org). **Diversidade e cultura da paz na escola: contribuições da perspectiva sociocultural**. Porto Alegre: Mediação. 2012, p. 311-327
- MARANGONI, V. X. C.; BRAZ, M. V.; HASHIMOTO, F. Bullying e assédio moral no trabalho: expressões do narcisismo contemporâneo. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, 19, n. 2, p. 255-268, 2016.
- MARTINS¹, N. V.; ALMARIO¹, A. Bullying: uma perspectiva sobre o agressor. **Revista da Universidade Ibirapuera-São Paulo**, 4, p. 17-21, 2012.
- OLIVEIRA, D. D. D. O fenômeno bullying descrito no contexto psicanalítico das pulsões e suas manifestações: sadismo e masoquismo. **CONPE Congresso de Psicologia escolar e Educacional**. Maringá, Paraná, Brasil, 10. p. 12-15, 2013.
- PINHO, G. S. O sujeito do bullying. **Autoridade e Violência** (241-259). Porto Alegre: APPOA, 2011.
- QUEIROZ, R. F. P.; TÉRZIS, A. O bullying como fenômeno psíquico produzido no grupo. **Anais do XVII Encontro de Iniciação Científica e do II Encontro de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação**, 2012.
- SILVA, A. C. B. Contribuições psicanalíticas sobre o bullying no Ensino Superior. **Revista de Iniciação Científica da FFC-(Cessada)**, 12, n. 3, 2012.
- SIMÕES, M. M.; DOS SANTOS, V. B.; GONÇALVES, C. M. Entre o bullying e narcisismo: uma relação possível. **Revista Científica Eletrônica de Psicologia-RCE**. PSI, p. 30, 2017.
- TORO, G. V. R.; NEVES, A. S.; REZENDE, P. C. M. Bullying, o exercício da violência no contexto escolar: reflexões sobre um sintoma social. **Psicologia: teoria e prática**, 12, n. 1, p. 123-137, 2010.
- WINNICOTT, Donald Woods. A delinquência como sinal de esperança. In _____. **Tudo começa em casa**. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes. 2011, p. 81-91.
- WINNICOTT, Donald Woods. Agressão e suas raízes. In _____. **Privação e delinquência**. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes. 2012, p. 93-102.
- XAVIER, M. G. M. Psicanálise e Educação: um olhar sobre o fenômeno do bullying. **Revista Exitus**, 5, n. 1, p. 154-169, 2015.